

# O programa *Phrasis* e a criação de uma base de dados de concordâncias de textos em português antigo

José Barbosa Machado

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

## 1. Introdução

Muitos dos fenómenos linguísticos presentes nos textos portugueses antigos têm sido referenciados e estudados por diversos linguistas e historiadores da língua. Acontece, porém, que o estudo desses fenómenos nunca, ou quase nunca, foi feito sistematicamente, apoiado em dados exaustivos e fidedignos, e tendo em conta o cruzamento de dados relativos a um número significativo de diferentes textos.

Os estudos que conhecemos são o resultado, ou do estudo sistemático de um só texto, obra ou conjunto de textos do mesmo género<sup>1</sup>, ou o resultado de meras especulações fundadas em dados parciais e isolados.<sup>2</sup>

Procurando colmatar essa dificuldade, procedemos no início de 2003 à criação de uma base de dados de concordâncias de textos portugueses antigos. Ao programa de pesquisa e de controlo demos o nome de *Phrasis*, actualmente na versão 1.9 e disponível na Internet para qualquer investigador.<sup>3</sup> A base de dados foi criada no *Microsoft Access* e o programa foi criado em *Visual Basic*.

A base de dados contém um conjunto de textos e de obras, que vai desde os finais do século XII até meados do século XVI. Presentemente, dispõe de mais de duas dezenas de obras, para além de pequenos textos de âmbito notarial. Das obras destacam-se: o *Foro Real* de Afonso X, a *Crónica Breve do Arquivo Nacional*, a *Crónica Geral de Espanha*, *A Demanda do Santo Graal*, o *Castelo Perigoso*, o *Horto do Esposo*, o *Livro das Histórias da Bíblia*, o *Leal Conselheiro* e o *Livro da Enseñança de Bem Cavalgar Toda Sela* do rei D. Duarte, a *Vida de São Teotónio*, a *Vida de D. Telo*, o *Penitencial* de Martim Pérez, o *Tratado de Confissom*, a *Crónica dos Sete Primeiros Reis de Portugal*, as crónicas de Fernão Lopes, a *Crónica de D. Duarte de Meneses de Gomes Eanes de Zurara*, a *Crónica de D. Afonso Henriques* de Duarte Galvão, a *Vida e Feitos de D. João II* de Garcia de Resende, o *Livro de Marco Polo* e a *Crónica Troiana*.

Encontram-se em preparação a *Crónica de D. Pedro de Meneses* de Gomes Eanes de Zurara, o *Sacramental* de Clemente Sánchez de Vercial, o *Livro das Confissões de Martim Pérez* e os *Evangelhos e Epistolas com suas Exposições em Romance*.

As concordâncias podem ser consultadas por palavras simples ou expressões mais complexas. O programa apresenta uma listagem com informações do local (obra, capítulo e campo) onde a palavra ou expressão que pretendemos encontrar ocorre, e apresenta o respectivo contexto. Este é, regra geral, demarcado pela maiúscula de início de frase e pelo ponto final ou outro sinal de pontuação que delimita o final de frase. Assim sendo, podemos ter um contexto de algumas palavras apenas, que pode

---

<sup>1</sup> O *Foro Real* de Afonso X estudado por José Azevedo Ferreira, as *Estruturas Trecentistas* de Rosa Virgínia Mattos e Silva, baseadas nos *Diálogos de São Brandão*, os *Foros de Castelo Rodrigo* estudados por Filipe Lindley Cintra, ou a *História do Galego-Português* de Clarinda de Azevedo Maia, baseada unicamente em textos notariais.

<sup>2</sup> O *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa* de José Joaquim Nunes ou a *Gramática Histórica da Língua Portuguesa* de M. Said Ali.

<sup>3</sup> [www.ipn.pt/literatura/phrasis.htm](http://www.ipn.pt/literatura/phrasis.htm)

representar uma frase simples, e um contexto de várias linhas, que pode representar uma frase complexa com diversas orações encadeadas. Esta característica contribui mais eficazmente para a análise de construções sintáticas complexas.

O programa *Phrasis* contém ainda um dicionário com informações sobre as formas vocabulares que ocorrem nos diversos textos e obras, incluindo as variantes ortográficas. Estas informações contemplam a classe a que cada forma pertence, a subclasse, o tempo, o modo, a pessoa e o número para o caso dos verbos, e a referência a outros textos ou obras onde a mesma forma se encontra documentada.

As aplicações do programa *Phrasis* não são meramente linguísticas. O uso deste programa pode ser de grande utilidade nos estudos de âmbito literário, cultural e histórico, pela facilidade com que se encontra um contexto, uma referência ou uma alusão, e pela possibilidade de cruzar informações.

## 2. Aplicação do programa *Phrasis*

Como exemplo de uma investigação possível no âmbito linguístico e, mais especificamente, no âmbito morfossintático, tendo como base o *corpus* disponível no programa *Phrasis*, decidimos verificar a utilização da locução conjuncional de valor concessivo *posto que* em textos portugueses antigos de média e grande extensão. Esta locução, diacronicamente pouco estudada na língua portuguesa, é classificada pela generalidade dos gramáticos e linguistas como locução conjuncional concessiva ou, na metalinguagem estruturalista, como conector concessivo.

A distribuição da locução *posto que* é a seguinte:

Título das obras	Datação	Frequência
<i>Foro Real</i> , de Afonso X	finais do séc. XIII	0
<i>Livro das Histórias da Bíblia</i>	séc. XIV	0
<i>Penitencial</i> , de Martim Pérez	séc. XV	0
<i>Crónica Troiana</i>	início do séc. XVI	0
<i>Vida de D. Telo</i>	meados do séc. XV	1
<i>Tratado de Confissão</i>	1489	1
<i>A Demanda do Santo Graal</i>	séc. XIV	2
<i>Crónica Geral de Espanha</i>	1344	3
<i>Castelo Perigoso</i>	séc. XIV	4
<i>Livro de Marco Polo</i>	1502	4
<i>Vida e Feitos de D. João II</i> , de Garcia de Resende	1533	6
<i>Crónica de D. Afonso Henriques</i> , de Duarte Galvão	início do séc. XVI	12
<i>Vida de São Teotónio</i>	meados do séc. XV	13
<i>Sacramental</i> , de Clemente Sánchez de Vercial	1488	14
<i>Crónica de D. Pedro I</i> , de Fernão Lopes	1ª metade do séc. XV	19
<i>Livro da Enseñança de Bem Cavalgar Toda Sela</i> , do rei D. Duarte	1ª metade do séc. XV	26
<i>Crónica dos Sete Primeiros Reis de Portugal</i>	1419	37
<i>Horto do Esposo</i>	1ª metade do séc. XV	62
<i>Crónica de D. Duarte de Meneses</i> , de Gomes Eanes de Zurara	2ª metade do séc. XV	79
<i>Crónica de D. Fernando</i> , de Fernão Lopes	1ª metade do séc. XV	80
<i>Leal Conselheiro</i> , do rei D. Duarte	1ª metade do séc. XV	94
<i>Crónica de D. João I</i> , Parte I, de Fernão Lopes	1ª metade do séc. XV	102
<i>Crónica de D. João I</i> , Parte II, de Fernão Lopes	1ª metade do séc. XV	149
	<b>Totais &gt;</b>	708

Numa primeira leitura destes dados, podemos constatar que a presença da locução conjuncional *posto que* é bastante desigual nas diferentes obras e este facto não pode ser inteiramente explicado por questões diacrónicas. Na obra mais antiga, o *Foro Real* de Afonso X, a ausência da locução poderá significar a reduzida ou nula utilização da locução na língua portuguesa no contexto linguístico de finais do século XIII, altura em que foi traduzida esta obra do castelhano. José Luís Rodríguez, num seu estudo sobre

algumas formas e locuções conjuntivas nos textos galegos medievais, refere que esta locução «parece desenvolver-se ao longo do séc. XIV, e já nessa centúria se apresenta estável quanto à significação (concessiva) e à regência (conjuntivo, de regra)» (1996: 192). Os exemplos que dá são retirados de textos galego-portugueses que vão do século XIV ao século XVI.

No *Livro das Histórias da Bíblia*, no *Penitencial* de Martim Pérez e na *Crónica Troiana*, o primeiro de meados do século XIV, o segundo de meados do século XV e o terceiro do início do século XVI, a ausência da locução terá certamente outros motivos que poderão prender-se com opções do tradutor. José Luís Rodríguez, no estudo já referido, apresenta vários contextos retirados da versão medieval galega da *Crónica Troiana* (1373) onde podemos constatar a presença da locução *posto que* com valor concessivo.

A reduzida frequência da locução na *Vida de D. Telo*, no *Tratado de Confissom*, na *Demanda do Santo Graal*, na *Crónica Geral de Espanha*, no *Castelo Perigoso*, no *Livro de Marco Polo* e na *Vida e Feitos de D. João II* de Garcia de Resende prende-se certamente com opções do redactor, tradutor, adaptator ou autor, conforme os casos.

Na *Vida de D. Telo*, traduzida no século XV de uma versão latina do século XII, a locução *posto que* surge apenas uma vez: «E *posto que* eu nom seja ousado de dizer e pronúciaar que este santo homẽ [era] sem pecado algũu, ca pode bem seer que erom em ele pecados e deleitos de juventute, asy como parviçes ou pecados per inorãcia ou fraqueza humanall.» A locução vem acompanhada do verbo no presente do conjuntivo, dentro do uso mais comum.

No *Tratado de Confissom*, publicado em 1489 em Chaves, mas redigido entre finais do século XIV e inícios do século XV, tendo como base um ou mais textos castelhanos (cfr. Machado, 2003: 18), a locução surge também apenas uma vez: «Porque se sō reys a tanto he o desordenamento da sua cobiiça que nō sō cõtêtes dos reynos que teem e cobiiça e trabalhã por outros ataa que seiã ãperadores e *posto que* o seiã nom sō cõtêtes ataa que nō suiugã todo o mũdo e ainda que o suiuguẽ por eso ainda nō sō cõtêtes, e se ao ceo podese sobir e asenhorarse dele de boamẽte o fariam.» A locução vem acompanhada do verbo no presente do conjuntivo.

Na *Demanda do Santo Graal*, o programa *Phrasis* detectou quatro contextos. Num dos contextos, a palavra *posto* é um substantivo seguido do pronome relativo *que*: «E atendeo tanto que ãu cavaleiro da terra soube *o posto que* poseram» (cap. CCCX). Num outro contexto a palavra *posto* corresponde ao particípio passado que compõe a forma da voz passiva *foi posto*, seguida da conjunção integrante *que*: «e sob aquella lagea ha ãu homem vivo, e ha nome Simeu, mas nom sei por qual pecado *foi posto que* nom morresse mas que vivesse em esta coita ata que viesse aqui o bõo cavaleiro» (cap. CCCCLXV). Apenas em dois contextos a expressão *posto que* representa a locução concessiva, um no capítulo CCXXXVI: «*posto que* Persival lhe nom fizesse mal ora nem em tom sempre o desamaria»; e outro no capítulo CCXXXIX: «ca *posto que* me derrubastes nom me vencestes». No primeiro caso, a locução vem acompanhada do verbo no pretérito imperfeito do conjuntivo e no segundo acompanhada do verbo no pretérito perfeito do indicativo.

Na *Crónica Geral de Espanha*, foram detectados cinco contextos. Em dois deles, a palavra *posto* corresponde ao particípio passado que compõe a forma da voz passiva *foi posto* e da forma do pretérito mais-que-perfeito composto *tinha posto*, ambas seguidas da conjunção integrante *que*: «E eles cõ os mouros *tiinhã posto que* o matassem»; «ẽna qual *foy posto que*, se dom Afonso trouvesse enno seu pendon os signaaes de Castella ou se chamasse rey en sua casa, que perdesse todo aquello que lhe davam no reyno de Castella». Somente três contextos contêm a locução conjuncional *posto que*: «ca, *posto*

*que se jades vençudos, o que Deus nõ queyra, bem as podedes fazer em cabo»; «e, posto que assy fosse, que era do dereito linhagen dos reys dos Godos»; «posto que se dar nõ quisessem». Neste último caso, a locução surge antes de uma oração condicional.*

No *Castelo Perigoso*, a locução surge em quatro contextos, todos eles correspondendo ao título de dois capítulos, que se repetem. Assim, na tábua, ou índice, temos: «Capitollo LVI, que ho homem nom deve presumir de sy, *posto que* virtuoso seja, porque muitas vezes acontece que soo per hũu dicto se perde»; «Capitollo LVIII, que a devota pessoa que se vee apresada de desvairadas tentações e teme cayr, ella se deve logo acorer aa oraçõ; e poem exemplo. E *posto que* nos Deus ajude em as tentações, nom porem nos livra de todas por nos avivar aa batalha». No interior da obra, repetem-se os títulos com ligeiras alterações gráficas e, no caso do primeiro exemplo, com uma alteração lexical: em vez de «per hũu *dicto* se perde» surge «per hũu *defecto* se perde». Em todos os casos a locução *posto que* vem acompanhada do verbo no presente do conjuntivo.

No *Livro de Marco Polo*, a locução surge quatro vezes. Duas ocorrem no Livro I: «*posto que* ho lançẽ no foguo nõ pode ser queimado»; «em tal maneira que *posto que* sobre ellas choua todo dia nõ se pode sob ellas algũa cousa molhar». Uma ocorre no Livro III: «E esso mesmo, *posto que* lhe nõ façam aquelllas cortaduras muyto daquelle liquor corre dellas». A última ocorre no chamado *Livro de Nicolau Veneto*: «Elles nom trazem barba, *posto que* criem grandes cabellos, & husam de barbeyros assy como nos.» Em todas elas a locução é acompanhada do verbo no presente do conjuntivo.

Na *Vida e Feitos de D. João II* de Garcia de Resende, malgrado a extensão da obra e a época em que foi redigida (século XVI), a locução *posto que* surge apenas seis vezes. Poder-se-ia pensar que o autor poderia ter dado preferência a outras locuções conjuncionais para introduzir orações concessivas, como as locuções *ainda que*, *como quer que* e *apesar de*. Através de uma pesquisa destas formas, verificámos que da locução *ainda que* e suas variantes gráficas há dezasseis ocorrências, da locução *como quer que* uma apenas e da locução *apesar de* nenhuma, o que nos leva a concluir que Garcia de Resende, pelo menos nesta obra, é avesso à utilização das orações concessivas. À excepção de um caso, em todos os contextos a locução *posto que* vem acompanha do verbo no imperfeito do conjuntivo: «*posto que fossem* por culpas alheas»; «*posto que estivesse* por parte do duque e em ajuda sua»; «e *posto que nella ouvesse* nos paços apousentamentos em que elrey e a rainha, o principe e a princesa se podessem bem agasalhar»; «*posto que* per justiça fosse julgado»; «*posto que fosse solto*». No caso excepcional, o verbo encontra-se no pretérito perfeito do indicativo: «*posto que* lha deu muito prestes o arrepelou primeiro que a tomase».

Na *Crónica de D. Afonso Henriques* de Duarte Galvão, na *Vida de São Teotónio* e no *Sacramental*, a locução *posto que* tem uma presença ligeiramente superior em relação às obras atrás referidas.

Na *Crónica de D. Afonso Henriques* de Duarte Galvão, a locução surge doze vezes. Em três contextos, o verbo da oração concessiva encontra-se no presente do conjuntivo: «*posto que* nam *abaste* dinamente fazella»; «e *posto que* pella uemtura sse ueia ou lea»; «Amiguos, *posto que* nos aqui *seiamos* muytos». Nos restantes contextos, o verbo encontra-se no imperfeito do conjuntivo: «*posto que fossem* bastardos»; «*posto que teuesse* gramde peio»; «e *posto que* o castello fosse muj forte»; «e *posto que* nelle soo *ouvesse* o esforço que a toda a oste compria»; «*posto que* os mouros a muy bem *deffendessem*»; «E *posto que*, per homde leuauam temçam descallar, *achassem* o contrairo do que Cuydauam»; «E *posto que* estas cousas que dissemos *fossem feytas* per espaço de tempos em uida delRey dom Affomssso»; «ElRey dom Affomssso, *posto*

*que* lhe estas nouas *cheguassem*, nam sse quis alleuantar do çerquo»; «*posto que* a nam *tomassem* loguo em cheguamdo, a tomariam em alguũs poucos dias».

Na *Vida de São Teotónio*, tradução quatrocentista de um texto em latim medieval da segunda metade do século XII saída do *scriptorium* de Santa Cruz de Coimbra, a locução *posto que* surge treze vezes, contrastando este número com o de outra obra do mesmo *scriptorium* já por nós referida, a *Vida de D. Telo*, em que surge apenas uma vez. A sua utilização tem algumas particularidades. Os contextos mais frequentes são aqueles em que a locução *posto que* introduz uma oração concessiva com o verbo no imperfeito do conjuntivo. Há uma predominância do verbo *ser*, ora como verbo na voz activa, ora como verbo auxiliar na voz passiva: «*posto que fosse* de noua idade era ajudado por bom maduro, e graue»; «*posto que fosse* do numero dos maldizentes ouzou contra elle algũa cousa alauantar»; «*posto que* per petição de todos, e muito mais com rogos do dito Honório, *fosse* muitas vezes pera elle *rogado* com a qual depois viueu taõ vnanime»; «*posto que fosse* soberbo»; «aos que a elles por suas culpas se acolhiaõ *posto que* por elles *cõdenados fossem*»; «*posto que* ia seu espiritu *fosse aiuntado* com Deus sempre em sua boca se achaua Christo». A conjunção surge também com outros verbos no imperfeito do conjuntivo, nomeadamente com os verbos *reclamar*, *rogar* e *poder*: «e *posto que* elle por muitas vezes, e muy efficaxmente *reclamasse* ser indigno pera tal dignidade»; «Nunca a Infermaria se queria ir *posto que* todos os Irmãos lho muito *rogassem*»; «*posto que* os Irmãos que com elle estauaõ o naõ *podessem* veer, era atormentado o coitado». Há todavia três casos em que o verbo, contra o uso habitual, em vez do modo conjuntivo, se encontra no modo indicativo. Em dois deles, o tradutor optou pelo presente do indicativo. Vejamos o primeiro caso: «*posto que* depois lhe *fes* muitas perseguiçõis polla naõ querer deixar entrar na interior clausura do mosteiro.» Neste caso, a oração concessiva é a tradução de uma oração adversativa presente no original latino introduzida pela conjunção coordenativa adversativa *verumtamen* com o verbo no indicativo: «*Verumtamen* graues aliquando persecutiones ab ea *sustinuit*, eo quod illi ingressum claustrum negauerit, seruato per omnia sui ordinis rigore.» O segundo caso é o seguinte: «Mas *posto que* pera estas cousas me *sinto* insufficiente quando aleuanto os olhos da alma ao dador de todos os bens por quem a lingua dos mudos he aberta, que as linguas dos meninos fas eloquentes». Neste caso, a oração concessiva seguiu a construção do original latino, ou seja, a conjunção subordinativa concessiva *quanquam* com o verbo no indicativo: «*Sed quanquam* me ydoneum ad ista *despero*, cum in largitorem munerum oculos mentis attollo, per quem aperta est lingua mutorum, qui linguas infancium facit disertas». No terceiro caso, o verbo surge no imperfeito do indicativo: «comia porem dando graças a Deus, *posto que* naõ o dezeio de comer mas a humana necessidade o *trazia* a isso nunca porem antes da ligitima hora.» Confrontando a passagem com o original latino, verificamos que neste é utilizada a conjunção subordinativa concessiva *quamuis* com o verbo no conjuntivo: «*quamuis* eum non uescendi desiderium, sed humana confectio ad cibum *traheret*, nunquam tamen ante legitimam horam». Surge ainda um contexto em que o verbo se encontra omissa: «estas cousas com ajuda de Christo me desponho *posto que* com rudes palauras, copillar pera que satisfaça a minha paixãõ a qual he mayor, e mais principal causa desta obra».

No *Sacramental* de Clemente Sánchez de Vercial, redigido em castelhano entre 1420 e 1423 e impresso em Chaves em 1488 em língua portuguesa, a locução *posto que* surge catorze vezes, quatro na Parte II e dez na Parte III. Confrontámos as passagens com as edições castelhanas impressas em Sevilha em 1477 e 1478 e verificámos que a utilização da locução *posto que* é análoga. Em todas as passagens, a locução *posto que* é representada na edição castelhana pela locução *puesto que*. À excepção de um caso, que

se repete nas duas versões, a locução vem acompanhada do verbo no presente do conjuntivo ou no pretérito imperfeito do conjuntivo. No caso excepcional, o verbo vem no pretérito perfeito do indicativo em ambas as línguas: «*E puesto que fallecio el sacramento, nõ fallescio la fe del sacramêto*»; «*E posto que ffaleçeo ho sacramêto, nom faleçeo a ffe do sacramêto*».

Apresentamos no quadro seguinte as correspondências em ambas as versões.

Versão castelhana	Versão portuguesa
puesto que nunca aya pecado	posto que nũa aja pecado
puesto que fiziese todas las cosas pertenescientes a este sacramento	posto que fezese todas as coussas perteeçentes ha este sacramento
puesto que non sea partido	posto que non seja partida
puesto que el sea pecador	posto que elle seja pecador
e puesto que sea Rey o otro principe grande	posto que seja rey e nõ outro príncipe grãde
puesto que fallecio el sacramento	posto que ffaleçeo ho sacramêto
puesto que otras cosas sean mãdadas fazer	posto que outras coussas sejam mandadas fazer
puesto que sean suficientes e diligentes e nõ sean en culpa	posto que sejam suficientes e diligentes e non sejam en culpa
puesto que el sacerdote lo absuelva delos pecados	posto que o saçerdote o absolua dos pecados
E puesto que el obispo o el prelado del sacerdote mande so pena de excomunion que descubra lo que sabe	E posto que o bispo ou o prelado do saçerdote mãde sub pena de escumunhõ que descubra o que sabe
puesto que sea oficial del Rey	posto que sseja ofiçial delrey
puesto que el clerigo ande de nochẽ	posto que o clerigo ande de noyte
puesto que lo absuelva deuese otra vegada tornar a confessar	posto que o asolua, deuese outra vez tornar a confesar
puesto que reclamase nõ deue ser oyda	posto que rreclamase, nõ deue ser ouida

O verbo mais frequente é o verbo *ser* (6). Surge duas vezes como auxiliar da voz passiva: «*posto que non seja partida*»; «*posto que outras coussas sejam mandadas fazer*». E quatro vezes acompanhando predicativos do sujeito: «*posto que elle seja pecador*»; «*posto que seja rey*»; «*posto que sejam suficientes e diligentes*»; «*posto que sseja ofiçial delrey*». Os verbos *fazer* e *falecer* introduzem complementos directos: «*posto que fezese todas as coussas*»; «*posto que ffaleçeo ho sacramêto*».

Nas crónicas de Fernão Lopes, nos dois livros do rei D. Duarte, na *Crónica dos Sete Primeiros Reis de Portugal*, no *Horto do Esposo* e na *Crónica de D. Duarte de Meneses* de Gomes Eanes de Zurara a presença da locução *posto que* é bastante significativa. Fernão Lopes é o autor que mais a utiliza.

Para não tornarmos o nosso estudo demasiado longo, não faremos a transcrição de todos os contextos. Apresentaremos algumas particularidades acerca do uso da locução nestas obras, assim como o resumo no quadro seguinte da utilização dos verbos.

Título das obras	Presente do conjuntivo	Imperf. do conjuntivo	Outros tempos	Verbo <i>ser</i>	Outros verbos
<i>Crónica dos Sete P. Reis de Portugal</i>	14	22	1	18	19
<i>Crónica de D. Pedro I</i>	8	11	-	7	12
<i>Crónica de D. Fernando</i>	18	60	2	34	46
<i>Crónica de D. João I, Parte I</i>	29	67	6	29	73
<i>Crónica de D. João I, Parte II</i>	32	109	8	52	97
<i>Crónica de D. Duarte de Meneses</i>	33	42	2	27	50
<i>Horto do Esposo</i>	57	5	-	27	35
<i>Leal Conselheiro</i>	77	10	6	20	73
<i>Livro da Ensin. de Bem Cav. Toda Sela</i>	25	-	2	3	23
<b>Totais &gt;</b>	293	326	27	217	428

Na *Crónica dos Sete Primeiros Reis de Portugal*, a locução *posto que* ocorre trinta e sete vezes, dezoito acompanhada do verbo *ser* e dezanove acompanhada dos verbos *andar* (1), *dar* (1), *dizer* (4), *fazer* (2), *haver* (2), *mandar* (1), *merecer* (1), *poder* (1),

*querer* (2), *receber* (1), *recear* (1) e *ter* (2). O verbo *ser* é utilizado cinco vezes como auxiliar da voz passiva: *fossem çerquados*, *fossem feytas*, *sejam postos*, *estendidos fosem* e *fose seneficada*. O imperfeito do conjuntivo, com vinte e duas ocorrências, tem uma frequência mais elevada do que o presente do conjuntivo, com apenas catorze. Isto pode explicar-se pelo facto de o discurso da obra, relatando factos históricos, se reportar a acontecimentos passados. Apenas dois casos particulares merecem alguma atenção. Num deles, a oração concessiva encontra-se duplicada através da conjunção copulativa *e*: «Enquanto elrey dom Sancho foy vivo, *posto que* no regno não *fose e andava* em Castela, nunca se chamou rey, senão governador». A segunda oração concessiva, *e andava em Castela*, não segue a construção anterior, com o verbo no imperfeito do conjuntivo. No outro caso, o verbo encontra-se no mais-que-perfeito do indicativo: «E ela, mui triste, com arzeoada çiençia lhe dise tamtas e tão bõas rezões, segumdo me espreveo, que somente pelo seu dela, *posto que* lho eu rogar não *mamdara*, o devera elrey de fazer».

No *corpus* por nós analisado, é, como já referimos, nas obras de Fernão Lopes onde se encontra o maior número de ocorrências da locução conjuncional *posto que*, não só pelo facto de serem quatro obras, três delas de grande extensão, mas também pela preferência que o autor dá às construções sintácticas concessivas.

A obra com menos número de ocorrências é a *Crónica de D. Pedro I* (19), podendo este facto ser explicado pela sua média extensão. Sete das ocorrências da locução *posto que* são acompanhadas pelo verbo *ser* e doze pelos verbos *achar* (1), *dizer* (2), *esquecer* (3), *errar* (1), *falar* (1), *haver* (2), *mandar* (1) e *servir* (1). O verbo *ser* é utilizado quatro vezes como auxiliar da voz passiva: «*posto que* a alguuns vicios *sejam emclinados*»; «*que* lhe *chegada fosse* em parentesco»; «*posto que* *prouvehudo fosse* ante do tempo»; e «*posto que* ja *fosse morta*». O imperfeito do conjuntivo, com onze ocorrências, tem uma frequência ligeiramente superior em relação ao presente do conjuntivo, com oito ocorrências. Esta diferença pouco significativa poderá dever-se ao facto de Fernão Lopes utilizar nesta obra diálogos frequentes e comentários pessoais onde o tempo mais utilizado é o presente.

Na *Crónica de D. Fernando*, a locução *posto que* ocorre oitenta vezes, trinta e quatro acompanhada do verbo *ser* e quarenta e seis acompanhada dos verbos *acontecer* (1), *avir* (1), *cair* (1), *casar* (1), *defender* (1), *dizer* (2), *entender* (1), *escrever* (1), *estar* (1), *falar* (2), *falecer* (1), *fazer* (2), *ficar* (1), *haver* (5), *herdar* (1), *lançar* (1), *leixar* (1), *mandar* (1), *parecer* (2), *perdoar* (1), *poder* (2), *provar* (1), *querer* (1), *receber* (1), *reinar* (1), *requerer* (1), *saber* (2), *trabalhar* (1), *ter* (4), *valer* (1), *ver* (1) e *viver* (2). O verbo *ser* é utilizado treze vezes como auxiliar da voz passiva: «*posto que* *conhecido nom fosse*»; «*posto que* *rrecontadas aqui nom sejam*»; «*posto que* *descasada fosse*»; «*posto que* *cercada toda nom seja*»; «*posto que* ell e certos fidallgos *fossem lançados fora do rreino*»; «*posto que* *começada fosse*»; «*posto que* em algũuas partes do corpo *fossem minguidos*»; «*posto que* *enlegido fosse*»; «*posto que* abastantes escripturas sobre todo *fossem feitas*»; «*posto que* brevemente *seja contado*»; «*posto que* os alheos louvores *sejam ouvidos* com iguaaes orelhas»; «*posto que* *fossem assaz conhecidos*»; e «*posto que* per vezes *fosse dito* a elrei». O pretérito imperfeito do conjuntivo, com sessenta ocorrências, tem uma frequência mais elevada do que o presente do conjuntivo, com apenas dezoito. Em dois contextos, o verbo surge no indicativo. Num deles, no pretérito-mais-que perfeito do indicativo, substituindo o imperfeito do conjuntivo: «*posto que* ell hi *podera* tornar com aguisada rrazom e dereito, sofreosse de o fazer, por dar logar aa paz que deseja daver convosco». No outro, surge com o verbo no imperfeito do indicativo, fora portanto do uso comum: «*posto que* ante *queriamos* dizer da paga que elrei dom Pedro fez ao principe». Em dois casos, que não foram por nós

contabilizados nos dados acima transcritos, a palavra *posto* corresponde ao participio passado que compõe a forma da voz passiva *foi posto*, seguida da conjunção integrante *que*: «*foi posto que casasse elrei dom Fernando com sua filha a iffante dona Lionor*»; «*primeiramente foi posto que fallecendo elrei dom Fernando e avendo filho barom*».

Na *Crónica de D. João I*, Parte I, a locução *posto que* ocorre cento e duas vezes, vinte e nove acompanhada do verbo *ser* e setenta e três acompanhada dos verbos *alçar* (1), *andar* (1), *aprazer* (1), *arder* (1), *britar* (1), *chamar* (2), *começar* (1), *costranger* (1), *culpar* (1), *dar* (2), *dizer* (4), *doer* (1), *entender* (1), *esquecer* (1), *falar* (1), *fazer* (4), *haver* (6), *iguar* (1), *ir* (1), *leixar* (1), *louvar* (1), *manter* (1), *morrer* (2), *nacer* (1), *oferecer* (1), *parecer* (2), *partir* (1), *poder* (3), *prender* (1), *querer* (2), *receber* (2), *saber* (3), *sair* (1), *sentir* (2), *ter* (8), *tornar* (1), *trabalhar* (1) *ver* (1) e *vir* (3). O verbo *ser* é utilizado seis vezes como auxiliar da voz passiva: «*posto que ell morto seja*», «*posto que assaz ja fallado fosse*», «*posto que ella per tall nome fosse amte nomeada*», «*E posto que a batalha fosse pellejada de voomtade*», «*e posto que sejam veemçidos*»; e «*posto que dona Enes fosse rrogada pera comadre*». Muitas das ocorrências do verbo *ser* acompanham predicativos do sujeito: «*posto que poderoso fosse*»; «*posto que sua irmã fosse*»; «*posto que homeês de boa autoridade fossem*»; «*posto que a pelleja mui desigual fosse*»; «*posto que ligeiras sejam*»; «*posto que seus emmiigos fossem*»; «*posto que a porta seja forte*»; «*posto que fosse tempo dimverno*»; «*posto que o filho fosse moço pequeno*»; «*posto que seja martir*»; «*posto que nom fosse aazada*»; «*posto que nõ fosse festa*»; «*posto que mui tẽperado fosse em fallar*»; etc. O imperfeito do conjuntivo, com sessenta e sete ocorrências, tem uma frequência mais elevada do que o presente do conjuntivo, com apenas vinte e nove. O verbo *ter* ocorre em dois contextos como verbo auxiliar do pretérito perfeito composto do conjuntivo: «*posto que me dessa çidade tenha feita menagem*», «*posto que mo vos bem mereçido tenhaes*». Em seis contextos, o verbo surge no mais-que-perfeito do indicativo, a substituir o imperfeito do conjuntivo: «*e posto que tamtos hi ouvera em que viinr podessem*»; «*e posto que sse desviar podera*»; «*e posto que ardera e a abrirom de seu grado*»; «*posto que elRei nom britara os trautos, nem vehera comtra o juramento que fez*»; «*posto que ouvera çemto annos que fora*»; «*posto que lidemos naçerom*».

Na *Crónica de D. João I*, Parte II, a locução *posto que* ocorre cento e quarenta e nove vezes, cinquenta e duas acompanhada do verbo *ser* e noventa e sete acompanhada dos verbos *acertar* (1), *acontecer* (2), *acordar* (1), *ajuntar* (1), *apresentar* (1), *aprovar* (1), *arrazoar* (1) / *rezoar* (1), *assenhorear* (1), *calar* (1), *chamar* (2), *colher* (1), *conseguir* (1), *convidar* (1), *desprazer* (1), *dizer* (4), *entender* (2), *enviar* (1), *escrever* (1), *estar* (3), *falar* (1), *fazer* (7), *ficar* (1), *haver* (8), *ir* (1), *leixar* (1), *mandar* (6), *mostrar* (1), *mudar* (1), *nomear* (1), *obedecer* (1), *oferecer* (1), *ouvir* (1), *parecer* (4), *passar* (2), *pesar* (1), *poder* (1), *prazer* (1), *querer* (1), *receber* (1), *renunciar* (1), *repreicar* (1), *saber* (1), *saber* (2), *ter* (7), *tomar* (1), *trabalhar* (1), *trazer* (2), *ver* (2) e *vir* (5). O verbo *ser* é utilizado catorze vezes como auxiliar da voz passiva: «*posto que em outros logares sejam escritos*»; «*posto que ja outros prymeiro fosẽ emviados*»; «*E posto que suas lagrimas costramgidamemte reteudas fosse*»; «*posto que as letras tam cedo feitas nam fosse*»; «*posto que nam fosse escrita*»; «*posto que taees letras sobre estas cousas nõ fosse feitas*»; «*posto que taes semtemças sejam per apostolicos escritos discernidas*»; «*posto que apartada seja sobre sy*»; «*posto que erro alguũ fosse achado*»; «*E posto que nados fosse*»; «*posto que avisados nam fosse*»; «*posto que presos fosse Afomssso Sanchez e outros gramdes*»; «*posto que como as treguoas fosse feitas*»; «*posto que o preito seja chamado lide*». Muitas das ocorrências do verbo *ser*, à semelhança do que acontece na Parte I da *Crónica de D. João I*, acompanham predicativos do sujeito: «*posto que filha fosse de Vasco Guomẽz dAbreu*»; «*posto que*



lhe verguonhosa cousa fosse»; «E *posto que* ousado fosse»; «*posto que* muy poucos fosê»; «E *posto que* em tal caso poucas aleguações fosê compridoiras»; «E *posto que* tal istimação e numero muito çerto não seja»; «*posto que* muitos fosse»; «*posto que* chaõ lugar seja»; «*posto que* boa seja»; «*posto que* de reposta merecedor não seja»; «*posto que* tal esperança duvidosa fosse»; «*posto que* fosse ambos casados»; «*posto que* fosse gram soma de dobras»; «e *posto que* razoados e iguaes fosse»; «*posto que* pequeno espaço fosse», «*posto que* merecedor fosse», etc. O pretérito imperfeito do conjuntivo, com cento e nove ocorrências, tem uma frequência mais elevada do que o presente do conjuntivo, com apenas trinta e duas. Em sete contextos, o verbo surge no pretérito mais-que-perfeito do indicativo, a substituir o imperfeito do conjuntivo: «*posto que* o Reino todo *tevera* cõ ele»; «E *posto que* a cõvêça tal *fora* e lho el Rey estonce *requerera*»; «*posto que* *acontecera* como errãdo escreveo»; «*posto que* o fazer *podera*»; «e *posto que* emtam *viera*»; «*posto que* a Rainha minha Senhora *parecera* direita iguoaleza»; e «*posto que* aver *podera* ha mais homrrada do Regno». Há um caso em que o verbo surge no presente do indicativo, fora do uso comum: «*caa posto que* pellas pallavras *parece* esto ser bem igualdado, quomanto a obra he mui desigual».

No *Crónica de D. Duarte de Meneses* de Gomes Eanes de Zurara, a locução *posto que* ocorre setenta e nove vezes, vinte e sete acompanhada do verbo *ser*, duas vezes antes de uma oração condicional e cinquenta acompanhada dos verbos *cercar* (1), *começar* (1), *descender* (1), *despender* (1), *dever* (2), *errar* (1), *escrever* (1), *estar* (2), *falecer* (3), *fazer* (3), *guardar* (1), *haver* (3), *ir* (1), *mostrar* (1), *obrar* (1), *ouvir* (1), *parecer* (1), *passar* (1), *pedir* (1), *querer* (2), *receber* (1), *sair* (2), *sentir* (2), *ter* (8), *tirar* (1), *travar* (1) e *ver* (4). O verbo *ser* é utilizado três vezes como auxiliar da voz passiva: «*posto que* os corações dos grandes e excellentes barões *seiam* estremados da outra gente popullar»; e «*posto que* *fossem* sentidos»; «*posto que* ella nom *fosse* ocupada no officio das armas». Muitas das ocorrências do verbo *ser* acompanham predicativos do sujeito: «*posto que* moço fosse»; «*posto que* aquelle capitam tam mancebo fosse»; «*posto que* seia boo homem»; «*posto que* assaz grande fosse»; «*posto que* elle poderoso fosse»; «*posto que* todos seiaaes tam nobres e tam boons»; «*posto que* elle seia conde e capitam»; «*posto que* tamanho Senhor fosse»; «*posto que* casado nom seia»; «*posto que* o termo fosse muyto mayor»; «*posto que* toda seia fragosa». O verbo *ter* ocorre em três contextos como verbo auxiliar em tempos compostos: «*posto que* seu padre *teuesse* guaanhada muyta honra; *posto que* ja *tenha* determinado uyuer e morrer antre os christãos; «*ca posto que* mo assy o conde meu senhor e padre nom *teuera* encomendado e mandado». O pretérito imperfeito do conjuntivo, com quarenta e duas ocorrências, tem uma frequência ligeiramente mais elevada do que o presente do conjuntivo, com trinta e três. Num contexto, o verbo surge no pretérito mais-que-perfeito do indicativo, a substituir o imperfeito do conjuntivo: «*ca posto que* mo assy o conde meu senhor e padre nom *teuera* encomendado e mandado, certamente conhecendo uossas bondades syso e discriçom eu nom saberya fazer o contrayro». Num outro contexto, o verbo encontra-se no pretérito perfeito do indicativo. Neste caso, a locução *posto que* introduz uma oração causal: «das quaaes *posto que* ja *ouuistes* alguma cousa nom foy tanto quanto a mym foy contado». A locução *posto que* surge, como atrás referimos, duas vezes antes de uma oração condicional: «*ca posto que* se Cepta perdesse como quer que de seu regno fosse nom fora perdyda em seu tempo, nem elle nom trabalhara por ella ategora quanto podera»; «*posto que* se huuns fossem outros vijnryam».

No *Horto do Esposo*, a locução *posto que* ocorre sessenta e duas vezes, vinte e sete acompanhada do verbo *ser* e trinta e cinco acompanhada dos verbos *achar* (1), *afagar* (1), *alagar* (1), *avir* (1), *cair* (1), *comer* (1), *costranger* (1), *demandar* (1), *dizer*

(1), *ensinar* (1), *escapar* (1), *fazer* (2), *filhar* (1), *haver* (5), *levar* (1), *padecer* (1), *perder* (1), *poder* (3), *querer* (2), *saber* (2), *seguir* (2), *sentir* (1), *servir* (1), *talhar* (1) e *voar* (1). O verbo *ser* é utilizado seis vezes como auxiliar da voz passiva: «*posto que seiam factas escondidamête*»; «*posto que o homẽ seia louuado*»; «*posto que alla fosse sabuda*»; «*E posto que o louuor seia dado ao homem*»; e «*posto que o homẽ seia nado de molher maa*»; «*posto que seya o homẽ nado de casamêto*». Dezanove das vinte e sete ocorrências do verbo *ser* acompanham predicativos do sujeito: «*posto que seiam doentes e fracos*»; «*posto que seyam muy grauemête enfermos*»; «*posto que o homẽ seya muy engenhoso e muy sutil*»; «*posto que o seya*»; «*posto que ante seia linpa*»; «*posto que o corpo fosse muy fremosso*»; «*posto que seia muy lingua*»; «*posto que seiã amigos de Deus*»; «*posto que o homem seia seruo*»; «*posto que seia seruo*»; «*posto que o senhor seya muy grande*»; «*E posto que o homẽ seia sabedor*»; «*posto que o homẽ seja justo*»; «*posto que seiã desyguaaes ãna uëtuyra*»; «*posto que seia fea ou uelha*»; «*posto que as molheres sejam castas*»; «*E posto que a molher seia boa*»; «*posto que maa seia*»; e «*Posto que o homẽ apartado seia soo*». Alguns dos outros verbos introduzem complementos directos, sendo o verbo *haver* o mais frequente, com sete ocorrências: «*posto que aya boõ engenho natural*»; «*posto que tu nõ ayas a fala da boca corporal*»; «*posto que nõ aya nehũu poderio*»; «*posto que ajas todas estas cousas*»; «*posto que o homẽ aja dignidade ã hũa terra*»; «*E posto que aja ã costume*»; e «*posto que as aja*». Há também complementos directos introduzidos pelos verbos *talhar*, *avir*, *padecer* e *seguir*: «*Posto que me talhes a lingua*»; «*posto que nos nõ auenhã esses aquecimentos*»; «*posto que o homẽ padeça dessõrra ou pena*»; «*posto que se nõ sigua dâpno delle*»; e «*posto que se nõ sigua nehũu dâpno dello*». O verbo *poder* vem seguido de infinitivo: «*posto que possa seer guardada*»; «*posto que nõ podesse andar pellos prados*»; «*posto que o homẽ das riquezas nõ possa acorrer aos mýguados*». Há também um caso com o verbo *querer* seguido de infinitivo: «*posto que lhe quisesse contar a fama dalgũa perssoa*». O presente do conjuntivo, com cinquenta e sete ocorrências, tem uma frequência mais elevada do que o pretérito imperfeito do conjuntivo, com apenas cinco. Não há casos com o verbo no pretérito mais-que-perfeito do indicativo. Em dois contextos, a oração concessiva subdivide-se em duas através da conjunção coordenativa copulativa *nem*: «*posto que o tu nõ sentas nẽ saybas*»; «*E posto que o homẽ nõ demãde nẽ queyra louuor*». Num contexto, a oração concessiva subdivide-se em duas através da conjunção coordenativa disjuntiva *ou*: «*posto que nehũu nõ ãsine ou nõ constrãga*».

No *Leal Conselheiro* do rei D. Duarte, a locução *posto que* ocorre noventa e quatro vezes, vinte acompanhada do verbo *ser*, uma vez com omissão do verbo e setenta e três acompanhada dos verbos *acertar* (1), *achar* (2), *acontecer* (1), *acrecentar* (1), *afastar* (1), *cair* (1), *começar* (1), *conhecer* (2), *conselhar* (2), *contentar* (1), *crer* (1), *demandar* (1), *demonstrar* (2), *desejar* (2), *dizer* (2), *empecer* (1), *entender* (1), *enxergar*, *esforçar* (1), *estar* (2), *executar* (1), *falecer* (1), *fazer* (4), *haver* (2), *ir* (1), *julgar* (1), *ler* (1), *louvar* (1), *mandar* (1), *morar* (1), *parecer* (4), *pertencer* (1), *poder* (5), *prazer* (1), *querer* (2), *saber* (3), *sentir* (4), *ter* (1), *tornar* (1), *trabalhar* (1), *ver* (3), *vir* (2) e *viver* (1). O verbo *ser* é utilizado sete vezes como auxiliar da voz passiva: «*posto que vencido ou mais ferido fosse*»; «*Ca posto que os apostolos fossem compridos do Spiritu Santo*»; «*E posto que muitos assi sejam chamados*»; «*E posto que per algũa destas compreissões sejam enduzidos*»; «*posto que avisados nom fossemos*»; «*posto que requeridas sejam*». O presente do conjuntivo, com setenta e sete ocorrências, tem uma frequência mais elevada do que o pretérito imperfeito do conjuntivo, com apenas dez. Em três contextos, o verbo surge no pretérito mais-que-perfeito do indicativo, a substituir o imperfeito do conjuntivo: «*E posto que assi razoar o nom soubera, ja no coraçom aquelo sentia e per obra usava*»; «*E posto que de LXX annos sempre se mandarom apousentar*»; «*Posto*

que os dicipulos tarde *creerom* a ressurreiçom do Senhor». Surge um contexto com o verbo no pretérito perfeito: «Ca *posto que* deles algũa cousa *senti* nom sei quaes som peores nem mais perigosos». Há ainda um caso com o verbo no pretérito imperfeito do indicativo: «*posto que* a voontade per vezes me *demandava*». E um outro com o verbo no presente do indicativo, o que é inédito no *corpus* por nós analisado: «*Posto que*, segundo maneira geeral da nossa fala, ùu deste nomes se *diz* por outro em muitos lugares». O contexto com omissão do verbo é o seguinte: «*posto que* nom tam bem como aquel que de sua naçom percalça tal virtude, havendo razoado sentido das outras principaes».

No *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sela* do rei D. Duarte, a locução *posto que* ocorre vinte e seis vezes, três acompanhada do verbo *ser* e vinte e três acompanhada dos verbos *acrescentar* (2), *aproveitar* (1), *atrever* (1), *concordar* (1), *conhecer* (2), *dizer* (2), *encalçar* (1), *esquecer* (1), *fazer* (4), *ferir* (1), *parecer* (2), *passar* (1), *ter* (1), *usar* (1) e *ver* (2). Não existem contextos com o verbo no imperfeito do conjuntivo. À excepção de um caso, em todos os contextos o verbo surge no presente do conjuntivo. O caso excepcional é o seguinte: «E *posto que* arremessando muytos hussos, porcos, cervos de cavallo *feri*». Aqui a forma verbal *feri* surge no pretérito perfeito do indicativo, em vez do imperfeito do conjuntivo.

No *Horto do Esposo* e nas duas obras do rei D. Duarte, a locução *posto que* introduz orações concessivas maioritariamente com o verbo no presente do conjuntivo. Esse facto deve-se ao estilo discursivo em que os seus autores, para explicitarem de uma forma didáctica questões de moral, de religião e de comportamento humano no caso do *Horto do Esposo* e do *Leal Conselheiro*, ou determinada questão relativa à arte de cavalgar no caso do *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sela*, utilizam preferencialmente o presente.

A locução conjuncional *posto que*, em todos os contextos identificados pelo programa *Phrasis*, ocorre ora no início de frase, ora a meio da frase, antes ou depois da oração subordinante e introduzindo geralmente uma oração subordinada concessiva. Pode vir antecedida de outras conjunções e locuções ou de pronomes relativos, de que se destacam os conjuntos seguintes: *E posto que* (no início da frase), *e posto que* (a meio da frase), *ca posto que*, *em tal maneira que posto que*, *em tanto que posto que*, *mas posto que*, *posto que se* (conjunção condicional), *que posto que* (pronome relativo ou conjunção), *ho qual posto que* (pronome relativo).

O verbo que acompanha a oração subordinada introduzida pela locução *posto que* está normalmente no conjuntivo, havendo no entanto alguns casos, bastante raros, em que o verbo surge no indicativo.

Do ponto de vista diacrónico, nota-se um crescendo na utilização da locução a partir do século XIV, atingindo no século XV a frequência máxima em textos escritos, em especial nas crónicas de Fernão Lopes e nas obras do Rei D. Duarte. Fazendo uma prospecção em obras que vão do século XVI até ao século XX<sup>4</sup>, verificamos que a conjunção deixa paulatinamente de ser utilizada, subsistindo como um arcaísmo morfossintáctico.

Ao longo do século XVI, a locução é utilizada pelos escritores de uma forma bastante desigual. Fernão Mendes Pinto na *Peregrinação* utiliza-a apenas duas vezes. Camões utiliza-a com alguma frequência. Aparece vinte vezes em *Os Lusíadas*, quarenta vezes na *Lírica* e quatro no *Teatro*. Damião de Góis utiliza-a com bastante frequência: Surge cento e vinte e nove vezes nas Partes I e II da *Crónica do Felicíssimo*

---

<sup>4</sup> Para a prospecção, servimo-nos dos cd-roms da colecção *Obras Integrais de Autores Portugueses*, publicados pelo Projecto Vercial.

*Rei D. Manuel*. Nota-se uma presença mais ou menos significativa da locução em textos literários do século XVII. O Padre António Vieira, por exemplo, emprega-a amiúde. Na *História do Futuro* é utilizada cinquenta e duas vezes e no *Sermão de Santo António aos Peixes*, bastante menos extenso, sete vezes. No século XVIII, a locução cai praticamente em desuso. Filinto Elísio, António Dinis da Cruz e Silva, José Anastácio da Cunha, Domingos dos Reis Quita, o Abade de Jazente, Correia Garção, a Marquesa de Alorna e Bocage utilizam-na raramente. Em Bocage aparece uma vez nos Sonetos e duas nas Epístolas e Sátiras. No século XIX, a sua utilização é bastante escassa. Almeida Garrett utiliza-a cinco vezes nas *Viagens na Minha Terra* e uma vez no *Frei Luís de Sousa*. Camilo utiliza-a três vezes no *Amor de Perdição*, duas no *Amor de Salvação* e também duas em *A Queda dum Anjo*. As dezanove vezes em que aparece no romance *A Caveira da Mártir* são uma excepção. Eça de Queirós é ainda mais escasso: utiliza-a três vezes na extensa *Colaboração no «Distrito de Évora»* e três em *O Primo Basílio*. Não há nenhuma ocorrência em *Os Maias*, em *O Crime do Padre Amaro*, nas *Notas Contemporâneas* ou nos *Contos*. No século XX, o emprego desta locução é extremamente raro. José Saramago, provavelmente pelo facto de o seu estilo ser de algum modo arcaizante, utiliza-a nalguns contextos. Em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* aparece três vezes e em *Todos os Nomes* também três vezes.

### 3. Conclusão

É facto assente que a utilização de *corpora* para o estudo diacrónico ou sincrónico de fenómenos linguísticos é, no contexto actual, imprescindível. O programa *Phrasis*, sendo constituído por uma base de dados composta a partir de um número significativo de textos e de obras em português antigo e por um motor de busca que elabora listagens de concordâncias de qualquer palavra, expressão ou frase, é uma ferramenta que certamente poderá ajudar o trabalho de investigação, não só na área dos estudos linguísticos, mas também nos estudos de âmbito literário, cultural e histórico.

### Bibliografia

- Barros, Carla (2002): «Alguns aspectos do funcionamento dos contrastivos no Português medieval». In *História da Língua e História da Gramática*. Org. de Brian F. Head *et alii*. Braga: Universidade do Minho.
- Bechara, Evanildo (2002): *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed., Rio de Janeiro: Ed. Lucerna.
- Cunha, Celso e Lindley Cintra (1987): *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 4ª ed., Lisboa: Ed. João Sá da Costa.
- Machado, José Barbosa (2003): *Tratado de Confissom – Edição Semidiplomática, Estudo Histórico e Informático-Linguístico*. Braga: APPACDM.
- (2004): *Tratado de Confissom – Edição Actualizada, Glossário e Listagem de Palavras*. Braga: APPACDM.
- Marrafa, Palmira *et alii* (1999): *Linguística Computacional: Investigação Fundamental e Aplicações*. Lisboa: Edições Colibri.
- Mateus, Maria Helena Mira *et alii* (2003): *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª ed. revista e aumentada. Lisboa: Caminho.
- Rodríguez, José Luís (1996): «Sobre algumas formas e locuções conjuntivas nos textos galegos medievais». In *Actas do IV Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza*, AGAL, pp. 189-201.